

# Para Belluzzo, política industrial foi 'muito defensiva e pouco eficaz'

Por Flavia Lima | De São Paulo

*Valor Econômico*, 5.2.2014.

**A política de desonerações e crédito subsidiado voltada à indústria são mecanismos compensatórios que não resolveram a questão da perda da competitividade.**

A política de desonerações e crédito subsidiado voltada à indústria são mecanismos compensatórios que não resolveram a questão da perda da competitividade, diz Luiz Gonzaga Belluzzo, professor da Unicamp e da Facamp. As medidas, diz ele, fazem parte de uma política industrial "muito defensiva e pouco eficaz".

A saída, diz o economista, seria investir em inovação e em um esforço ainda maior de desvalorização cambial. Para ele, entre o câmbio atual e o que chama de "competitivo" há um déficit de 25% a 30%. Para chegar lá, reconhece que será preciso lidar com os impactos sobre a inflação, mas rebate: "o problema começou lá atrás, quando se decidiu pela valorização".

Interlocutor frequente do governo, Belluzzo avalia que é preciso escolher quais são os setores-chave da economia a estimulá-los. Como forma de lidar com as pressões sobre os salários, reconhece que é preciso rediscutir os reajustes salariais de maneira "democrática", de modo que acompanhem os avanços da produtividade. E faz uma recomendação: "Temos que olhar para frente, e não para políticas que foram eficazes em outras ocasiões, mas não são mais". A seguir, trechos da entrevista:

**Valor:** *A recuperação da indústria foi volátil em 2013, com forte recuo em dezembro. O que houve?*

**Luiz Gonzaga Belluzzo:** Quando se olha um período mais longo, o desempenho é muito ruim e aí a valorização do câmbio tem papel importante. Ao longo do tempo tivemos perda de posição da indústria brasileira, que em 2004 era 18% do PIB e hoje pesa 12%. E o pessoal ainda acha que não houve desindustrialização.

**Valor:** *Onde erramos?*

**Belluzzo:** Nos últimos 20 ou 30 anos, ficamos fora da evolução da indústria global. Não estamos nos setores que tiveram uma transformação tecnológica mais intensa, sobretudo o que estão relacionados com as inovações mais recentes. A indústria brasileira ficou atrasada e, nesse sentido, tivemos, sim, uma desindustrialização. Também por conta da apreciação cambial tivemos uma perda de elos nas cadeias industriais. Perdemos muito o miolo da indústria e também o setor de bens finais, é ilusão achar que não. Vivo em uma região industrial, que tem empresas grandes e pequenas, e sei que muitas delas estão substituindo a produção doméstica. Não temos mais articulação com o que está acontecendo na indústria global.

**Valor:** *Mas a indústria recebeu desonerações do governo. O desempenho indica certo esgotamento?*

**Belluzzo:** Se a intenção é acabar de vez com a indústria, tira os empréstimos do BNDES! São mecanismos compensatórios, que não resolvem o problema da perda da competitividade da indústria. Segurou minimamente o que tinha razoável para segurar. Mas o que querem? Que se aumente os juros para a indústria também?

**Valor:** *Mas deu certo?*

**Belluzzo:** Precisa olhar o conjunto da obra. A indústria vem sofrendo um declínio há pelo menos 20 ou 30 anos. Perdemos competitividade justamente no momento em que a China vinha diversificando a sua indústria. O Brasil nesse tempo todo usou medidas pouco eficazes para retomar o processo de industrialização. Os juros mais baixos são uma arma do Brasil, assim como as desonerações. E não deu certo do ponto de vista de que é uma política industrial muito defensiva e pouco eficaz. Especialmente em um mundo que sofre uma transformação das localizações da indústria de manufatura. O Japão tinha 80% das exportações globais de televisores, hoje tem 30%. Perdeu para China. E o Brasil tem uma das situações mais dramáticas.

**Valor:** *No curto prazo, a alta dos juros pode ter atrapalhado?*

**Belluzzo:** Existem duas coisas: a alta de juros, que afeta a taxa interna de retorno do investimento; e a desvalorização cambial, que é insuficiente para dar impulso à indústria. Ademais há uma pressão de salários, com aumento real de salários que se formou no setor de serviços, mas vem afetando também a indústria. E isso danifica o investimento industrial. Temos que olhar para frente, e não para políticas que foram eficazes em outras ocasiões, mas não são mais.

**Valor:** *O que poderia ser eficaz?*

**Belluzzo:** Não pode ter câmbio valorizado em um mundo de competidores ferozes. E é preciso fazer um esforço para ajudar as empresas inovarem. O pessoal fala muito em produtividade e competitividade, mas o conceito é vazio. Na verdade, tem que escolher quais são os setores-chave da economia industrial que serão estimulados. Por exemplo, não é possível não cuidar do setor de bens de capital. Tem que adequá-lo às mudanças tecnológicas discutidas.

**Valor:** *O dólar perto de R\$ 2,45 ajuda?*

**Belluzzo:** Melhorou, mas temos um déficit ainda de 25% a 30% para ter um câmbio competitivo.

**Valor:** *Mas e a inflação?*

**Belluzzo:** É verdade que vai impactar [a inflação]. Sobretudo porque se mudou a localização da maior parte da produção de peças e componentes, uma desvalorização abrupta seria muito difícil. Mas o problema não começa quando se percebe que tem que desvalorizar. Começa lá atrás, quando se decidiu pela valorização. Enquanto ela dura, é agradável, pois se toma recursos mais baratos no mercado externo, as empresas estrangeiras remetem lucros e dividendos para fora, se vai viajar para o exterior. Valorizar o câmbio é a decisão de política econômica mais perigosa e, ao mesmo tempo, mais difícil de reverter. Eu já assisti esse filme várias vezes.

**Valor:** *O sr. citou os altos custos do trabalho. A rediscussão do reajuste do mínimo é importante?*

**Belluzzo:** Acho que o governo tinha que chamar sindicatos e empresários e discutir isso, da maneira como ocorre em países democráticos. Se bem que com o PIB mais baixo dos últimos anos, o reajuste vai ser menor. Mas tem que ser algo concertado. Tem que ser como na Europa, durante a recuperação do pós-guerra, em que os salários acompanharam a produtividade. Isso é uma regra que não pode ser violada em uma economia em que se tem competição e concorrência externa.